

Algumas implicações da exasperação historicista da teoria do valor de Marx por Moishe Postone

Some implications of Moishe Postone's historicist exasperation of Marx's theory of value

Marcelo Dias Carcanholo*

Resumo

Este trabalho procura analisar criticamente as consequências da proposta de reinterpretação da teoria do valor por Moishe Postone para dois desdobramentos cruciais da teoria marxiana. Em primeiro lugar, pretende-se mostrar a incompatibilidade entre a reinterpretação de Postone e a teoria do valor de Marx no que se refere à incorporação do papel da ciência e da tecnologia para as conclusões do último. Em seguida, pretende-se mostrar como a proposta de Postone termina por deturpar a contradição social básica do capitalismo entre o capital e o trabalho, presente em Marx, contrariando, com isso, as consequências políticas para um sujeito revolucionário e a transformação social do capitalismo.

Palavras-chave: valor, trabalho, classe social, luta de classes

Abstract

This paper analyzes critically the consequences of the reinterpretation of the theory of value proposed by Moishe Postone to two crucial developments of Marxist theory. First, the paper aims to show the incompatibility between the reinterpretation of Postone and Marx's theory of value with regard to the incorporation of the role of science and technology to the conclusions of the latter. Then, the paper discusses how Postone's reinterpretation distorts the basic social contradiction of capitalism between capital and labor, present in Marx, in opposition with the political consequences for a revolutionary subject and the social transformation of capitalism presented in Marx's social theory.

Keywords: value, labor, social class, class struggle

* Professor Associado do Departamento de Economia da Universidade Federal Fluminense e pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo da UFF.

Não raras vezes, a teoria social de Marx aparece deturpada por interpretações que, na verdade, são muito mais leituras ricardianas ou keynesianas, no campo da economia, com um viés idealista especulativo, sejam kantianas ou hegelianas, em termos filosóficos, ou até neoweberianas na sociologia. Tampouco raras são as tentativas de resgatar o argumento próprio e original de Marx, contrário a essas perspectivas deturpadoras. A tentativa de Moishe Postone vai exatamente nesse sentido¹.

O objetivo central desse autor é contrapor-se ao que ele denomina de marxismo tradicional, que se caracterizaria, dentre outras coisas, por se limitar a uma crítica do processo de distribuição capitalista, desconsiderando o caráter historicamente determinado das relações de produção nesse mesmo capitalismo e, mais do que isso, pelo fato de que o primeiro corresponde (dialeticamente) ao segundo, de forma que uma crítica ao capitalismo teria que ser uma crítica na sua totalidade. Isso certamente tem implicações do ponto de vista teórico e político, mas o que nos importa, neste momento, é que essa interpretação do marxismo tradicional decorreria de uma tese central: o desconhecimento, por parte deste, da dupla natureza do trabalho no capitalismo.

Para Postone, o marxismo tradicional desconsidera a especificidade histórica do trabalho no capitalismo. Segundo ele, o que é específico no capitalismo não é que o trabalho seja o responsável pela produção de riqueza, típico de uma abordagem ontológica do trabalho, mas que este é a forma específica de dominação social capitalista. Nesse tipo de sociedade, os indivíduos são obrigados a trabalhar, e só se relacionam com os outros por intermédio da troca dos produtos de seu trabalho, segundo a troca de equivalentes. Sucintamente, o tratamento anistórico do trabalho pode levar a dois tipos de equívoco: (i) se o trabalho está presente em todos os tipos de sociedade, e ele é substância do valor, o valor seria característica de qualquer sociedade, e não apenas da época capitalista; (ii) a dominação social específica no capitalismo (a obrigação que os seres humanos têm de se submeter à forma-valor e, portanto, de que seus trabalhos privados só sejam confirmados, *a posteriori*, como constituintes do trabalho social, mediante a troca dos produtos de seus trabalhos) que caracteriza o trabalho abstrato é simplesmente desconsiderada em sua especificidade histórica.

Para chegar a essa conclusão, Postone vê-se na obrigação de negar qualquer característica ontológica, trans-histórica do trabalho, uma vez que isto redundaria nos dois equívocos mencionados. Embora a crítica à concepção anistórica do trabalho seja correta, o que Postone não percebe é que, para se chegar a essa conclusão, ele não precisa desconsiderar o trabalho como característica ontológica do ser social. A contradição que pode existir entre as duas perspectivas, na

¹ A tese de Postone pode ser encontrada em várias de suas obras, como em Postone (1995) e Postone (2007), mas em Postone (2014) este argumento é apresentado de forma mais desenvolvida.

verdade, é uma contradição real, e mais do que isso, definidora da própria época capitalista.

Segundo Marx, para ficar no autor que o próprio Postone deseja resgatar, a mercadoria, no capitalismo, só é uma unidade contraditória entre o valor e o valor de uso porque o trabalho humano, no capitalismo, tem uma dupla natureza, trabalho abstrato e trabalho concreto. Não se pode pensar, no capitalismo, um dos polos sem o outro, daí a unidade, embora contraditória². Na tentativa de criticar, corretamente, a exasperação anistórica que afirma o trabalho concreto como elemento ontológico do ser social, desconsiderando as determinações históricas específicas do trabalho abstrato no capitalismo, ele termina por afirmar este último, desconsiderando por completo o primeiro³. Em última instância, o que Postone faz é cometer o mesmo erro, com sinal contrário; ao invés de uma exasperação anistórica, ele comete uma exasperação historicista⁴.

1. Valor e o papel da ciência e tecnologia

Esse tipo de interpretação equivocada da teoria do valor de Marx traz consigo incompreensões sobre vários aspectos. O primeiro deles é o referente ao papel da ciência e tecnologia no processo de trabalho e na formação do valor. Segundo Postone (2014, p. 26), o marxismo “tradicional” não conseguiria entender as especificidades do capitalismo contemporâneo justamente por ignorar as especificidades históricas do capitalismo. Assim, a importância que a ciência e a tecnologia teriam no capitalismo atual não consegue ser entendida pelo marxismo “tradicional” exatamente porque sua base teórica parte da concepção errônea – segundo este autor – de que o trabalho humano é a fonte de

² “Ante todo cabe recordar la distinción que hace Marx entre, por un lado, el proceso de trabajo como un proceso transhistórico común a toda sociedad humana y, por otro lado, la figura histórica bajo la cual existe en cada época. Cada época se distingue de las otras por la diferente configuración histórico-concreta que adquiere en ella el proceso de trabajo, y el proceso de valorización es la configuración histórico-concreta correspondiente al capitalismo” (Veraza, 2007, pp. 185-186).

³ No fundo, Postone aqui expressa toda a tradição antiontológica (antiessencialista) da Escola de Frankfurt, com a qual, pelo visto, não conseguiu romper completamente. Segundo Eagleton (2005, p. 164), “antiessencialistas não acreditam em naturezas. Imaginam que, se alguma coisa tem uma natureza, então essa deve ser eternamente fixa e inalterável”. Sendo Postone um antiessencialista, é natural que ele critique qualquer perspectiva ontológica, o que, no caso, o leva à exasperação historicista.

⁴ Em última instância, só neste aspecto específico, na tentativa de rechaçar a interpretação anistórica ele termina por desconsiderar o elemento trans-histórico do trabalho no capitalismo, como se “anistórico” fosse sinônimo de “trans-histórico”. Sobre a diferença entre os dois termos, Mézaros (2011, p. 49) foi suficientemente claro: “trans-histórico significa precisamente o que o próprio nome diz, isto é, *trans*-histórico, e não *supra*-histórico. O conceito de “trans-histórico” expressa a reprodução continuada – ainda que com peso e significância relativa mutáveis no que se refere à totalidade social dada – de processos ou condições determinadas *além* dos limites históricos, ao passo que a ideia de algo “supra-histórico” não passa de uma mistificação metafísica”.

toda a riqueza⁵. Esta ideia estaria apoiada na célebre passagem de Marx, nos *Grundrisse*, onde o autor supostamente reconheceria que o trabalho deixou de ser a fonte da riqueza, papel ocupado crescentemente pela ciência e tecnologia no processo de produção:

No entanto, à medida que a grande indústria se desenvolve, a criação da riqueza efetiva passa a depender menos do tempo de trabalho e do *quantum* de trabalho empregado que do poder dos agentes postos em movimento durante o tempo de trabalho, poder que – sua poderosa efetividade –, por sua vez, não tem nenhuma relação com o tempo de trabalho imediato que custa sua produção, mas que depende, ao contrário, do nível geral da ciência e do progresso da tecnologia, ou da aplicação dessa ciência à produção ... A riqueza efetiva se manifesta antes – e isso o revela a grande indústria – na tremenda desproporção entre o tempo de trabalho empregado e seu produto, bem como na desproporção qualitativa entre o trabalho reduzido à pura abstração e o poder do processo de produção que ele supervisiona [...] Nessa transformação, o que aparece como a grande coluna de sustentação da produção e da riqueza não é nem o trabalho imediato que o próprio ser humano executa nem o tempo que ele trabalha, mas a apropriação de sua própria força produtiva geral, sua compreensão e seu domínio da natureza por sua existência como corpo social – em suma, o desenvolvimento do indivíduo social ... *Tão logo o trabalho na sua forma imediata deixa de ser a grande fonte de riqueza, o tempo de trabalho deixa, e tem de deixar, de ser a sua medida e, em consequência, o valor de troca deixa de ser [a medida] do valor de uso* (Marx, 2011, pp. 587-588; itálico não original).

Apoiando-se em uma leitura particular deste trecho de Marx, sustenta-se que este papel específico da ciência e da tecnologia no processo produtivo comprovaria a tese de que o trabalho não é a fonte da riqueza, ou, pelo menos, não a única. Entretanto, confunde-se aqui riqueza material (valor de uso) com riqueza capitalista (valor corporificado em um valor de uso). O que Marx procura ressaltar nesse trecho é a consequência do desenvolvimento das forças produtivas para a composição do capital produtivo, aquele que se apresenta no momento da produção de mercadorias. Em função do aumento da produtividade, impul-

⁵ “... a base teórica da sua [do marxismo tradicional] crítica social do capitalismo – a alegação de que o trabalho humano é a fonte social de toda a riqueza – foi criticada à luz da importância crescente do conhecimento científico e da tecnologia avançada no processo de produção” (Postone, 2014, p. 26). A mesma ideia volta a aparecer no capítulo segundo, especificamente no item III (“Trabalho”, riqueza e constituição social).

sionado pela concorrência entre os capitais, o capital produtivo apresenta uma proporção cada vez maior de trabalho morto (meios de produção) em relação ao trabalho vivo (força de trabalho), de forma que a *riqueza* passa a depender cada vez mais desses meios de produção – e dos melhoramentos em sua aplicação, graças ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia – e menos do trabalho propriamente dito. Entretanto, a chave aqui é: a que Marx se refere quando fala de *riqueza*? Não é da riqueza capitalista, no sentido da mercadoria que possui um valor, como interpreta Postone, mas da riqueza material, do valor de uso produzido no processo de trabalho. Isso significa que a sociedade capitalista, ao impulsionar o desenvolvimento das forças produtivas, leva à expansão da produção de valores de uso, ao mesmo tempo em que reduz a participação relativa do trabalho humano nessa produção; justamente o elemento que constitui o fundamento do valor, da valorização do próprio capital. Trata-se de uma contradição, sim, mas da própria realidade do capital, que se manifesta, inclusive, na lei da queda tendencial da taxa de lucro.

No final do trecho mencionado, Marx ainda faz certo exercício de prospecção. Exasperando o argumento, quando o processo produtivo for todo ele composto por trabalho morto (meios de produção), sem nenhum papel do trabalho vivo, este deixaria de ser a fonte da riqueza e, portanto, o tempo de trabalho deixaria de ser a sua medida. Neste ponto, além do trabalho possuir menor participação na produção de riqueza material, ele tampouco seria fundamento do valor, e isso por uma razão muito simples. Não existiria mais trabalho vivo no processo produtivo! Mas, quando – e se – isso ocorresse, não haveria mais criação de um mais-valor, um valor que se valoriza, o capital, ou seja, não seria mais o capitalismo! Antes de isso representar qualquer previsão determinista, o objetivo de Marx com isso é ressaltar o caráter contraditório do capital, em sua própria lógica, ressaltando que ela possui em si a possibilidade de sua própria negação.

Assim, o que a ciência e a tecnologia promovem não é uma negação do trabalho como fonte da riqueza (material) e substância do valor (no capitalismo), mas constituem-se apenas como mais um dos determinantes da força produtiva ... do trabalho! Isto é, antes de negar o trabalho como fonte da riqueza, a ciência e a tecnologia o confirmam. Isso fica claro já no início de *O Capital*, quando Marx afirma que

Este [o tempo de trabalho socialmente necessário] muda, porém, com cada mudança na força produtiva do trabalho. A força produtiva do trabalho é determinada por meio de circunstâncias diversas, entre outras pelo grau médio de habilidade dos trabalhadores, o nível de desenvolvimento da ciência e sua aplicabilidade tecnológica, a combinação social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais (Marx, 1983, livro I, p. 48).

Assim, não é que a terra, os meios de produção, a ciência e a tecnologia sejam fontes de riqueza capitalista, que negam e/ou substituem o trabalho. Eles até podem ser considerados elementos do processo de trabalho e, como tais, fontes de riqueza material, de valores de uso, mas não de riqueza capitalista em sua especificidade, o valor. Aliás, esses elementos – como afirma Marx na passagem citada – determinam a maior, ou menor, força produtiva daquele elemento – o único – que constitui a substância do valor, o trabalho humano abstrato.

Aliás, este tipo de incompreensão é muito comum na economia, inclusive na interpretação neorricardiana, tão criticada por Postone, a respeito da noção de “produtividade do capital”. Afirma-se, neste sentido, que meios de produção mais eficientes – em razão, por exemplo, de melhorias técnico-científicas – levam a uma maior produção de riqueza material, o que de fato ocorre. Entretanto, isto não pode ser confundido com a riqueza capitalista do ponto de vista do valor. Se a jornada e/ou intensidade do trabalho não se alteram, o valor novo total da produção tampouco se altera, uma vez que nada modificou o consumo do valor de uso da força de trabalho. Mas, como o número de valores de uso (riqueza material) se expandiu, o valor individual, de cada valor de uso, cai⁶. Assim, pode-se dizer que a ciência e a tecnologia contribuem, como qualquer outro meio de produção, para a expansão da riqueza material, mas não necessariamente para a expansão da riqueza capitalista, medida em valores. Mesmo assim, persiste a ideia de que a ciência e a tecnologia também seriam fontes de riqueza, ainda que apenas material:

... a análise de Marx [especificamente nos *Grundrisse*] indica que o sistema de produção baseado no valor gera níveis crescentes de produtividade com base em mudanças na organização do trabalho, no avanço tecnológico e na maior aplicação da ciência à produção. Com a produção tecnológica avançada, a riqueza material torna-se função de um elevado nível de produtividade, que depende do potencial de criação de riqueza da ciência e da tecnologia (Postone, 2014, p. 229).

⁶ Postone (2014, p. 331) parece, inclusive, confundir-se no que se refere à relação entre o valor individual de uma mercadoria, seu valor de mercado e a mais-valia extraordinária de que um capital pode se apropriar em função da diferença entre os dois. Ali, Postone formula um exemplo em que, a partir de uma técnica média que produzisse 20 metros de tecido em uma hora, no equivalente a um valor total de x , e a entrada de um capital que conseguisse produzir 40 metros na mesma uma hora, mantendo a técnica média anterior, o valor total produzido por esse novo capital seria de $2x$. Ora, conforme Marx (1983, capítulo X do livro III), se a técnica média não se alterou, tampouco o fez o tempo de trabalho socialmente necessário, o seu valor de mercado. Como o novo capital consegue produzir 40 metros, cada metro valeria (valor individual) $x/40$, quando o valor de mercado de cada metro seria $x/20$. A diferença seria apropriada por esse novo capital mais eficiente na forma de mais-valia extraordinária.

Entretanto, a ciência e a tecnologia não possuem, em si, potencial de criação de riqueza, nem em sentido material. O que um meio de produção mais eficiente (que redunde em maior quantidade de valores de uso produzidos) permite é a ampliação da capacidade produtiva de quem realmente produz, ou seja, da força de trabalho. Isso significa que a aparente validade da “produtividade” do capital, dentro de um critério de riqueza material (ricardiano), é mera aparência, pois mesmo aí se trata de produtividade da força de trabalho. É ela quem vai atuar sobre esses meios de produção mais eficientes e, portanto, o crescimento da relação entre meios de produção e a força de trabalho, no processo produtivo, continuará representando a maior, ou menor, capacidade dessa força de trabalho em transformar meios de produção no produto (riqueza material) final.

Assim, ainda que Postone perceba que riqueza material não pode ser confundida com riqueza no capitalismo (medida em valor), ele cai no conto pós-moderno, isto é, a ciência e a tecnologia têm, para ele, potencial de criação de riqueza, além do trabalho, da terra, etc. O que ele não entende, de novo, é que a ciência e a tecnologia, enquanto melhoramentos dos meios de produção, ajudam na maior produção de riqueza material, sim, mas não porque eles sejam fonte de riqueza material – simplesmente porque permitem uma maior produtividade do trabalho, que é quem, de fato, produz a maior riqueza.

2. Contradição básica do capitalismo e sujeito revolucionário

A insistência de Postone em rechaçar qualquer interpretação crítica sobre o capitalismo que tenha como base a perspectiva do trabalho, ou melhor, que faça a crítica do modo de distribuição/apropriação como se o processo de produção capitalista não possuísse também as contradições próprias da sociabilidade capitalista, leva-o à seguinte conclusão: “a superação do capitalismo *não* envolve a autopercepção do proletariado. A lógica de exposição de Marx não defende a noção de que o proletariado é o sujeito revolucionário” (Postone, 2014, p. 376). Por que isso? Porque, segundo ele, interpretar o proletariado como o sujeito revolucionário seria esperar de uma classe social, que se define por sua lógica de subordinação ao capital, isto é, à lógica de expansão da produção de valor, de trabalho (abstrato), algo que lhe é estranho. Como esse “sujeito” poderia negar algo que justamente o constitui?

Em primeiro lugar, é preciso deixar claro que a noção de Marx da classe social que se opõe ao Capital não é o proletariado no sentido dos trabalhadores inseridos no processo fabril, no capital produtivo das indústrias, mas todos os trabalhadores (ativos e inativos) que devem, como única possibilidade de sobreviver nessa sociedade, vender a sua força de trabalho para poder obter os valores de uso que necessitam para essa sobrevivência. Isto independe do fato concreto-conjuntural de alguns não conseguirem isso, “alistando-se” no exército

industrial de reserva. O que Postone argumenta neste caso específico é que todos os seres humanos estão subordinados à lógica do trabalho estranhado, à lógica do capital, de forma que o critério de sociabilidade é o mesmo para todos: a servidão a essa lógica do trabalho-apropriado-pelo-capital.

Mais uma vez, este autor não percebe que essa contradição da classe trabalhadora, ao mesmo tempo definida pela (e dentro da) lógica do capital e em confronto com ela⁷, não é uma contradição teórico-abstrata, mas real, que, no limite, se relaciona com o duplo aspecto do trabalho no capitalismo. A força de trabalho, dentro do capitalismo, quando do consumo do seu próprio valor de uso, está inserida em um processo de trabalho (produtor de valores de uso) e em um processo de valorização que subordina aquele. Assim, a oposição da classe trabalhadora define-se em relação a essa subordinação do conteúdo material em relação à forma social do valor, e não a uma negação de todo o processo de trabalho. Como Postone desconsidera essa duplicidade no seu sentido real, não é de surpreender que ele tenha esse tipo de interpretação, por mais estranha que pareça.

Adicionalmente, do ponto de vista político, essa interpretação pode levar a posições conservadoras, por um lado, e utópicas, por outro, uma vez que a alternativa seria a emancipação de toda a humanidade, uma vez que toda ela estaria subsumida à mesma lógica do trabalho-apropriado-pelo-capital, e isto não seria exclusividade da classe trabalhadora. Como se daria esta emancipação? Todos os seres humanos, juntos e sem contradições, resolveriam transformar a sociedade?

Como todos os seres humanos estariam subordinados à mesma lógica do capital, é como se isto não os diferenciasse e, portanto, não os constituísse como classes sociais, ao menos em função disso, que lhes é comum. No limite, é como se, pelo critério do trabalho-apropriado-pelo-capital, os seres humanos fossem indistinguíveis, ou seja, não há capitalistas e, no limite último, não há trabalhadores, ao menos como sujeitos sociais⁸. Postone (2014, p. 414) chega a afirmar que:

Tanto o proletariado quanto a classe capitalista estão atrelados ao capital, mas aquele mais do que esta: o capital concebivelmente poderia existir sem os capitalistas, mas não sem a força de trabalho criadora

⁷ “É verdade que, hoje, não existe um lado de fora do capitalismo; mas isso não deveria encobrir o fato de que o próprio capitalismo é “antagônico”, conta com medidas opostas para continuar viável – e esses antagonismos imanentes abrem espaço para a ação radical” (Žižek, 2012, p. 159).

⁸ “Quando interpreta a forma mercadoria como uma espécie de *a priori* transcendental e historicamente específico, que estrutura o todo da vida social, inclusive a ideologia, marcando-a em todos os seus aspectos com a “oposição antinômica” entre “o indivíduo livremente autodeterminado e a sociedade como esfera extrínseca da necessidade objetiva”, Postone reduz muito prontamente a dimensão da luta de classes (antagonismo social) a um fenômeno ôntico secundário em relação à forma mercadoria. Portanto, ele não vê que a luta de classes não é um fenômeno social positivo, um componente ôntico da realidade social objetiva: ela designa o próprio limite da objetividade social, o ponto em que o engajamento subjetivo codetermina aquilo que parece realidade social” (Žižek, 2012, p. 158).

de valor. De acordo com a lógica de análise de Marx, a classe trabalhadora em vez de corporificar uma possível futura sociedade, é a base necessária para a sociedade atual, sob a qual sofre; está amarrada à ordem existente de maneira a torná-la objeto da história.

Aceito isso, não há qualquer chance da transformação social advir de uma tomada de posição da classe trabalhadora, já que ela é simples objeto da história, e não sujeito. A pergunta óbvia seria: quem o faria? Quem é o sujeito revolucionário? Postone não dá uma resposta, ao menos, não uma que seja satisfatória.

Por outro lado, essa tese de Postone permite conceber capitalismo sem capitalistas. Embora ele não explicita isso nessa passagem, parece que ele faz referência implícita à experiência histórica do socialismo realmente existente, que não passaria de um capitalismo sem “capitalistas”. Ainda que se possa defender que se tratava de algum tipo de lógica do capital, o que não existia era a *forma* tradicional de capitalistas, mas certamente existia uma “classe” que se apropriava do excedente gerado, o que, do ponto de vista do *conteúdo*, não faz muita diferença, pois a contradição *social* básica do capitalismo se define pelo fato de que uns (os trabalhadores) (sobre) vivem do fruto de seu trabalho e atuam sob a lógica do vender (a força de trabalho) para comprar (outros valores de uso), e outros (os capitalistas) do fruto do trabalho alheio, e compram (meios de produção e força de trabalho) para vender (produtos acrescidos de um mais-valor). Que essa seja a contradição *social* básica do capitalismo, isso não nos permite, em primeiro lugar, reduzir qualquer critério de teorização sobre as classes sociais a essa base⁹. Em segundo lugar, a consideração dessa contradição *social* não se confunde com a contradição básica do capital, do modo de produção capitalista, dada pela unidade dialética entre o valor de uso e o valor, constituinte da mercadoria, forma mais elementar dessa sociabilidade¹⁰.

Por outro lado, este segundo aspecto tampouco nos permite, assim como Postone, simplesmente ignorar a contradição *social* entre o trabalho e o capital, mesmo que ela seja decorrência da contradição entre o valor e o valor de uso das mercadorias. Ainda que trabalhadores e capitalistas estejam ligados ao capital, os segundos são personificações de sua lógica, enquanto os primeiros têm a possibilidade de insubordinarem-se contra essa lógica, afirmando o seu caráter de

⁹ O debate marxista em torno das classes sociais é extenso, e torna-se ainda mais complexo pelo próprio fato de Marx, no capítulo LII do livro III de *O Capital*, que trata justamente do assunto, terminar a escrita, após algumas pistas, sem fornecer sua resposta. Um bom tratamento do assunto pode ser encontrado em Bensaïd (1999), segunda parte, especialmente o capítulo 4.

¹⁰ Aliás, é possível demonstrar que a *exploração* presente na relação social capital-trabalho, isto é, a mais-valia, é um desdobramento da contradição entre o valor e o valor de uso presente na mercadoria força de trabalho, como faz Marx nos capítulos IV e V do livro I de *O Capital*. Assim sendo, a contradição básica do capitalismo – valor *versus* valor de uso – desdobra-se na contradição *social* fundamental, capital *versus* trabalho.

trabalhadores, mas não de trabalhadores sob o império do trabalho abstrato, do valor, do capital. Sustentar isso, como faz Postone, mais uma vez, é uma consequência de sua confusão/redução do trabalho concreto ao trabalho abstrato, como se este último fosse a única característica do trabalho no capitalismo.

Em suma, para Postone, a contradição *social* básica do capitalismo não seria aquela que existe entre a força de trabalho e o capital, uma vez que essa relação, muito mais do que antagônica, seria a própria constituição desse último sob a lógica do trabalho: “Essa abordagem [a de Postone] interpreta a noção de Marx da contradição básica do capitalismo em termos de uma tensão crescente entre a forma de vida social mediada essencialmente pelo trabalho e a possibilidade historicamente emergente de uma forma de vida na qual o trabalho não desempenha um papel socialmente mediador” (Postone, 2014, p. 419).

Assim, a contradição básica do capitalismo, para Postone e, segundo ele, também para Marx, seria aquela entre uma sociabilidade mediada pelo trabalho (segundo o próprio Postone, o capitalismo) e outra que não o fosse¹¹. Independente da concordância com os desejos e utopias do autor, a contradição inerente básica a um modo de vida seria, para ele, a oposição (dialética) entre o próprio modo de vida e sua negação! De forma mais direta, a contradição que constitui *algo* é, para Postone, aquela dada pelo próprio *algo* (ele mesmo), em oposição ao não-algo (aquilo que o nega). Sustentar, por um lado, que uma coisa é constituída por si mesma – por mais que esteja em oposição à outra, no caso, a sua própria negação – é algo realmente surpreendente. Por outro lado, por mais que se deseje relativizar essa brilhante conclusão afirmando que o capitalismo se constitui pela sua contradição entre a sociabilidade mediada pelo trabalho (capitalismo) e pela possibilidade de sua superação (sociabilidade não mediada pelo trabalho, não-capitalismo), é impossível interpretar um modo de vida social, que tem como contradição básica, constituinte de sua própria natureza, a sua mera possibilidade de transformação que pode, inclusive, nem ocorrer. Essa forma de raciocínio é completamente diferente da de Marx, onde a possibilidade de transformação social surge das (e não constituem as) contradições inerentes ao capitalismo, constituidoras do mesmo; o modo de produção capitalista é a síntese dialética, a totalidade, dessas contradições, e não a junção dele mesmo com sua negação.

¹¹ “La crítica romántica anticapitalista confunde el presente con un utópico pasado, se les escapa la condición efectiva del trabajo, reniega de toda forma de trabajo humano en nombre del rechazo del trabajo en el sistema capitalista, exalta el ocio como el verdadero sentido de la vida. Lukács rechaza con desdén esta cultura del no-trabajo, que conoció luego en la segunda mitad del siglo XX y encuentra hasta nuestros días un renovado interés y también cierta forma de reproposición política y social” (Infranca, 2006, pp. 183-184). No fundo, neste sentido, Postone também parece fazer parte desse tipo de crítica romântica ao capitalismo.

3. Transformação social e posicionamento político

Este tipo de interpretação também traz consigo apontamentos específicos do ponto de vista do posicionamento político. Em primeiro lugar, é como se a verdadeira crítica ao capitalismo, enquanto uma crítica à sociabilidade burguesa, só fosse possível através da interpretação (correta, segundo o próprio autor) feita por Postone. Portanto, outras críticas ao capitalismo, feitas considerando a perspectiva do “trabalho”, isto é, de que o trabalho é a fonte de toda riqueza, seriam, na verdade, falsas críticas, ou melhor, críticas a partir de um ponto de vista da centralidade do trabalho, o que só ocorreria na sociedade burguesa, consequentemente, uma crítica “burguesa” da sociedade. Essa ideia pretensiosa – tão comum nos debates apologéticos da esquerda – sustenta que a verdadeira perspectiva de transformação social é aquela que “eu” defendo, enquanto todas as outras são falsas alternativas. Isso não é uma conclusão indevida da análise que se faz desta interpretação, senão vejamos:

Nesse sentido (e só nesse sentido redutivo não sociológico), a diferença entre as duas formas de crítica social é a que existe entre uma crítica “burguesa” da sociedade e uma crítica da sociedade burguesa. Do ponto de vista da crítica da especificidade do trabalho no capitalismo, a crítica do ponto de vista do “trabalho” implica uma visão do socialismo que resulta na realização da essência da sociedade capitalista (Postone, 2014, p. 84).

Ainda que se aceite a pretensão de Postone de ser o detentor único da teoria realmente revolucionária ou, mais modestamente, da interpretação que verdadeiramente traduz o que Marx quis dizer, qual seria esse posicionamento político? O que seria uma sociedade pós-capitalista que realmente superasse essa lógica/perspectiva colonizadora do trabalho? Para o autor, “categorias de uma crítica social imanente com objetivo emancipatório têm de apreender de maneira adequada as bases determinadas de não liberdade no capitalismo, de forma que a abolição histórica do que expressam implicaria a possibilidade de liberdade social e histórica” (Postone, 2014, p. 111).

Aceitando que uma perspectiva verdadeiramente crítica ao capitalismo só é possível através da interpretação de Postone – como ele formula – o que nos é oferecido, como perspectiva de emancipação pós-capitalista? A ampliação adequada dos espaços no capitalismo onde há falta de liberdade! O problema no capitalismo é a falta de liberdade! O que ele entende por liberdade? Desafortunadamente, não há muito mais do que considerações gerais sobre o fato de que uma sociedade pós-capitalista só se definiria enquanto tal quando o ser humano conseguir livrar-se de qualquer intermediação na constituição de seu caráter social, seja esta intermediação a lógica mercantil ou qualquer aparelho burocrático

que decida o que, como e para quem produzir. Em suma, trata-se de uma liberação de toda e qualquer subordinação à lógica do trabalho. Enquanto o ser humano for obrigado a se submeter a essa lógica, e como essa lógica é própria do capitalismo, ainda estaremos no capitalismo.

Mais uma vez, o autor confunde os dois aspectos do trabalho no capitalismo. Que a lógica do trabalho estranhado, do trabalho abstrato produtor de valor, que é apropriado pelo capital, é a lógica que deve ser combatida por qualquer perspectiva de transformação social, poucos marxistas, inclusive alguns “tradicionais”, discordariam. Mas, aglutinar a isso uma liberação do trabalho enquanto um processo material concreto, produtor de valores de uso, coloca-nos algumas questões.

Sigamos a partir do raciocínio do próprio Postone. Do que se vive (materialmente) em uma sociedade pós-capitalista emancipada da lógica do trabalho? Daquilo que os meios de produção, por si sós, produzirem de riqueza material, sem nenhuma intervenção, obrigatória, do trabalho vivo nesse processo. Obviamente, isso requer um desenvolvimento das forças produtivas possivelmente ainda não atingido. Como se daria esse processo de transformação social? O capitalismo tem, em sua lógica, a impulsão nunca antes vista da produtividade do trabalho, o que define uma possibilidade, dentro do próprio capitalismo, para esse desenvolvimento das forças produtivas requerido pela transformação social. O que fazemos nós, os seres humanos? Esperamos que o próprio capitalismo desenvolva a sua negação, até o dia em que ele mesmo dispense totalmente o trabalho vivo do processo produtivo e, quase que como um passe de mágica, decrete sua autodestruição? Parece muito otimista. Então não haveria alternativa. A transformação social, por mais que sua possibilidade estivesse contida no desenvolvimento contraditório do próprio capitalismo, só pode advir de uma revolução social.

E aqui chegamos ao ponto-chave. Quem é o sujeito dessa revolução social? Os trabalhadores (no seu sentido amplo, como em Marx, dado por todos aqueles que não têm alternativa para sua sobrevivência a não ser vender sua força de trabalho ao capital, estejam empregados atualmente ou não)? Segundo Postone, como visto, e pelas razões por ele apontadas, não! Cria-se uma teoria esdrúxula em que a transformação social é possível, desejada, mas não ocorrerá, pelo simples motivo de que ninguém se propõe a tal. Ou será que Postone acha que a humanidade, toda ela, sem conflitos sociais de classe, resolverá em algum momento livrar-se da sujeição à lógica do trabalho? Afinal, estaríamos todos nós, trabalhadores e capitalistas, subjugados por essa lógica.

Ao final de tudo, e não porque Marx e Engels tenham poderes premonitórios e/ou mediúnicos, mas esses dois autores já mostravam, em *A Sagrada Família*, os problemas de um pensamento Crítico crítico na temática do sujeito revolucionário. Dizem eles:

Proletariado e riqueza são antíteses. E nessa condição formam um todo. Ambos são formas do mundo da propriedade privada. Do que aqui se trata é da posição determinada que um e outra ocupam na antítese. Não basta esclarecê-los como os dois lados – ou extremos – de um todo.

A propriedade privada na condição de propriedade privada, enquanto riqueza, é obrigada a manter *sua própria existência* e com ela a existência de sua antítese, o proletariado. Esse é o lado *positivo* da antítese, a propriedade privada que se satisfaz a si mesma.

O proletariado na condição de proletariado, de outra parte, é obrigado a suprasumir a si mesmo e com isso à sua antítese condicionante, aquela que o transforma em proletariado: a propriedade privada. Esse é o lado *negativo* da antítese, sua inquietude em si, a propriedade privada que dissolve e se dissolve.

A classe possuinte e a classe do proletariado representam a mesma autoalienação humana. Mas a primeira das classes se sente bem e aprovada nessa autoalienação, sabe que a alienação é *seu próprio poder* e nela possui a aparência de uma existência humana; a segunda, por sua vez, sente-se aniquilada nessa alienação, vislumbra nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana (Marx e Engels, 2011, pp. 47-48; itálicos originais).

O primeiro trecho é exatamente o que percebe Postone, e onde ele centraliza seu argumento. Na linguagem de Marx e Engels em *A Sagrada Família*, riqueza significa a apropriação privada dos meios de produção, justamente os capitalistas. Logo, proletariado e riqueza (capitalistas) formam um todo, o capitalismo. O que certamente Postone não resgata daqui é que, dentro do todo (capitalismo), os dois conformam antíteses, dois lados (classes sociais) opostos dentro do todo.

O lado positivo da antítese é o que ressalta Postone, uma vez que o capitalismo se define e se processa justamente pelo aspecto relacional capital-trabalho, isto é, que a riqueza (capitalistas), para manter a sua própria existência (produção de mais-valor), deve, obrigatoriamente, manter a existência de sua antítese, o proletariado. O que Postone desconhece é a necessidade do proletariado (para libertar-se dessa submissão) em suprasumir a totalidade, tanto a propriedade privada (na linguagem de Marx e Engels nessa obra, a propriedade privada dos meios de produção, portanto, os capitalistas), como a si mesmo.

No último parágrafo do trecho citado, percebe-se claramente que os autores associam a propriedade privada com a classe possuinte, que possui a propriedade privada dos meios de produção, portanto, com a classe capitalista. Fica evidente aqui que Marx e Engels estão entendendo que tanto uma (classe possuinte,

capitalista) quanto a outra (classe do proletariado) estão subordinadas, subsumidas, alienadas, dentro do que Postone chamou de dominação social capitalista. Mas é tão claro quanto isso que os dois autores sustentam que a primeira delas se sente confortável (autoalienação) com isso, enquanto a segunda, ao contrário, sente-se aniquilada nessa alienação. Este último aspecto parece ser completamente imperceptível para o novo teórico da Crítica crítica, Moishe Postone.

A similaridade do pensamento de Postone com a Crítica crítica, criticada por Marx e Engels em *A Sagrada Família*, parece ser um exagero. Mas de fato, o primeiro resvala, constantemente, em argumentos puramente logicistas, como se o domínio do capital, seu sentido lógico, fosse tão forte (e de fato é) que a única forma de uma transformação social seria se nós, os seres humanos, que vivemos nessa alienação frente ao domínio social (lógico) do capital, nos dermos conta disso e, conseqüentemente, decidirmos por não sermos mais alienados. Que o domínio social do capital se assente, para além (ou seria aquém?) do logicismo idealista, no chão concreto da real luta de classes e, portanto, existam interesses diferenciados, perspectivas políticas distintas, é algo que: (i) está totalmente ausente em Postone; (ii) também o estava na Crítica crítica; e, portanto (iii) parece, por conta disso, bastante adequado assimilar as duas perspectivas.

Restaria ainda a Postone o possível argumento – como faz em alguns momentos – que esta crítica do próprio Marx (e de Engels) seria a crítica de um Marx ainda não maduro, que não tinha sua concepção crítica do trabalho assentada, como é o caso dos *Grundrisse* e *O Capital*. Como o ônus da prova é de quem afirma – normalmente –, o desafio está com o próprio Postone. Será que ele consegue identificar nessas obras o argumento que prescinde da antítese entre o capital e o trabalho, na própria constituição da totalidade capitalismo? Será que a indicação no final do livro III de *O Capital* de que existiriam três classes sociais (além dos capitalistas e trabalhadores, os proprietários de terra), opostas, com percepções e posicionamentos distintos seria um descuido de um Marx ainda não maduro, mesmo que já maduro? Como explicar então o mais-valor, isto é, o próprio capital, se não pela dialética (valor x valor de uso) presente na mercadoria força de trabalho, isto é, no fato de que o capital se põe justamente na relação social entre capitalistas que compram e trabalhadores que vendem a força de trabalho?

Muitas outras indagações poderiam ser feitas aqui. Entretanto, a tentativa de construir um Marx estranho a ele mesmo é de Moishe Postone. Portanto, o ônus da prova e da demonstração é desse autor. Ele ainda não foi bem sucedido. Podemos desejar-lhe boa sorte.

Referências bibliográficas

- BENSAÏD, D. *Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica* (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- EAGLETON, T. *Depois da Teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- INFRANCA, A. *Trabajo, individuo e historia: el concepto de trabajo en Lukács*. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana C. A., 2006.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural 1983.
- _____. *Grundrisse – Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- MARX, K. & ENGELS, F. *A Sagrada Família: ou A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- MÉSZAROS, I. *Estrutura Social e Formas de Consciência II: a dialética da estrutura e da história*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- POSTONE, M. “Rethinking Marx (in a Post-Marxist World).” *In*: CAMIC, Charles (Ed.). *Reclaiming the sociological classics*. Oxford: Blackwell, 1995.
- _____. *Marx reloaded: Repensar la teoría crítica del capitalismo*. *In*: RIESCO, A.; LOPEZ, J. G. (Eds.). Madrid: Traficantes de Sueños, 2007.
- _____. *Tempo, Trabalho e Dominação Social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- VERAZA, J. *Leer El Capital Hoy: pasajes selectos y problemas decisivos*. México D. F.: Editorial Itaca, 2007.
- ŽIŽEK, S. *Vivendo no Fim dos Tempos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

Artigo recebido em 17 de novembro de 2016

Artigo aprovado em 04 de dezembro de 2016